

AGUIAR, Franciele Machado de. ***O processo do ator como experiência do arquétipo-herói: convergências entre o processo de individuação em Jung e a arte como veículo de Grotowski.*** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Mestranda em Artes Cênicas/Processos de Criação Cênica; orientadora: Inês Alcaraz Marocco. Bolsa de Estudos: CAPES.

RESUMO

Compreender criando: eis o trajeto. Servindo-se da teoria dos arquétipos da psicologia analítica de Carl G. Jung, pretende-se estabelecer relações entre os procedimentos de criação do ator e os conceitos de mitopoese, símbolo e arquétipo, a fim de encontrar possíveis vínculos entre o processo criativo e os aspectos que caracterizam a manifestação da imagem arquetípica do herói. As mitologias fundadas a partir desse arquétipo expressam uma busca de autoconsciência, uma jornada de formação, um modelo processual. Esse trajeto se direciona à experiência da totalidade do ser, ao ato de integração do *self* denominado pela psicologia analítica junguiana como *individuação*. Conforme as concepções de Grotowski – principalmente no âmbito da chamada *arte como veículo* e do trabalho sobre si –, o processo de criação envolve experiências semelhantes de autoconhecimento e de totalidade. Caberia entendê-lo como processo de individuação? Nesse sentido, o encontro do próprio processo por parte do ator pode constituir-se como uma jornada mitopoética na qual a criação dá sentidos aos acontecimentos, é um discurso de processo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho sobre si. Processo criativo. Arte como veículo. Individuação. Arquétipo.

ABSTRACT

To understand creating: this is the path. Making use of the archetypal theory of Carl G. Jung's analytical psychology, It is intend to establish relationships between the procedures for creation of the actor and the concepts of mitopoese, symbol and archetype, in order to find possible links between the creative process and the aspects that characterize the manifestation of the archetypal image of the hero. The mythologies founded from that archetype express a search for self-knowledge, a journey of formation, a procedural model. This path is directed to the experience of the totality of being, the act of integrating the self designated by jungian analytical psychology as individuation. According conceptions of Grotowski - mainly in the framework called art as vehicle and work on oneself - the creation process involves similar experiences of self-knowledge and totality. Can it be understood as a process of individuation? In this sense, the meeting of the self process by the actor can be constituted as a mythopoetic journey in which creation gives directions to events, is a process's speech.

KEYWORDS: Work on oneself. Creative process. Art as vehicle. Individuation. Archetype.

Na caligrafia trêmula de um registro de ensaio, os traços tentam capturar um sentido. O gesto insiste em deter a miragem, que dança, escorrega das formas, que vibra ainda que o som tenha cessado. Algumas frases dispersas insinuam: *Acordar uma parte que não está automaticamente disponível. Encontra uma memória que é suave. Só os detalhes podem articular a experiência. É outra que aparece. Outro texto, outra voz, outro corpo. Movendo algo dentro, sutilmente. Ela precisa deixar-se morrer, de vez em quando. De quem era aquele riso?*

As palavras arrastam consigo um movimento, uma procura na qual se engaja o corpo ao criar, experimentando intensidades, pulsando em ritmos, revelando presenças. Essa busca em ação se projeta em imagens, em fragmentos que esboçam no espaço-tempo uma tentativa de compreensão. Um fluxo de associações é o fio que permite retornar à experiência, percorrer o trajeto do sentido, mover-se em partidas e retornos, do perceber, ao imaginar, ao compreender.

Um percurso mitopoético: Lévy-Strauss refere-se ao pensamento mítico como uma busca de organização da realidade através da experiência sensível enquanto tal. A psicologia analítica encontrará nos mitos e nos arquétipos que se projetam através das imagens simbólicas ali presentes uma possibilidade de desenvolvimento pessoal, de aprendizagem psíquica, de conhecimento e formação da alma através de uma integração criativa dos conteúdos inconscientes à experiência consciente. A narrativa mítica possibilita o que, em psicoterapia, é denominado processo de amplificação, correspondendo aos arcaicos modos de contar histórias, os quais abrigam as ambivalências e complexidades que não podem ser expressas pelo discurso lógico.

A partir dessas considerações, estende-se a noção de mitopoese ao processo do ator, no que diz respeito ao trabalho sobre si e à elaboração dramática a partir desse trabalho, tomando por referência as investigações de Grotowski no campo da “arte como veículo” (com os cantos da tradição e a elaboração da estrutura performativa a partir de tais cantos e do trabalho com as ações físicas nesse contexto) e suas convergências com o processo de individuação e o papel desempenhado pelos arquétipos na psicologia analítica de Jung, em especial o arquétipo do herói. As mitologias fundadas a partir desse arquétipo expressam uma busca de autoconsciência, uma jornada de formação, um modelo processual. Em *A mitopoese da psique: mito e individuação*, Walter Boechat escreve:

Para Jung, o arquétipo do herói mitológico constituiria o núcleo do complexo egoico, que vem a ser o centro da consciência. Portanto, os mitos de herói são basilares para se perceber a organização da consciência, sob o prisma arquetípico. Do ponto de vista da dinâmica do processo de individuação, o mito do herói configura a libido que flui no eixo ego – si-mesmo, organizando o ego, principalmente no curso dos chamados episódios de transição. (BOECHAT, 2009, p. 40)

Por individuação, entende-se, de acordo com Jung (2011, p.43), “o processo de diferenciação que tem por meta o desenvolvimento da personalidade individual”, um “desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (idem, p. 64). A psicologia analítica afirma a tendência do homem à busca pela totalidade, alcançada pela mencionada integração entre os conteúdos conscientes e inconscientes. Isso inclui a possibilidade de vivência e assimilação de opostos muitas vezes irreconciliáveis em nossa forma habitual de pensamento. Nesse trajeto de desenvolvimento psíquico, o homem tende a realizar as potências singulares de sua personalidade. O jogo de forças estabelecido pelos arquétipos proporciona vivências necessárias à individuação, que encontra naquilo que o psicólogo suíço denomina como *si-mesmo (self)* a unidade paradoxal dos opostos que constitui uma espécie de ponto central da personalidade. Ponto que não é fixo, não se trata de um lugar onde se chega, mas de um instante, condensação da multiplicidade em presença.

Em relação ao arquétipo-herói, a ênfase, aqui, recai sobre seu aspecto processual, sobre a ideia de jornada, de passagem, de dinamismo conciliador que possibilita o autoconhecimento. A partir disso, faz-se referência ao que Grotowski dizia ser a sede da montagem na arte como veículo. Para o encenador polonês, a arte como veículo, que ele também chamou de “objetividade do ritual”, diferencia-se da “arte como apresentação” porque a sede da montagem não está na percepção do espectador, mas nos atuantes, nos artistas que agem. Os elementos da ação, por seus impactos diretos, trabalham, nas palavras de Grotowski (in RICHARDS, 2012, p.137), “o corpo, o coração e a cabeça dos atuantes”. Essas duas montagens, a montagem do diretor, direcionada à percepção do espectador, e a montagem do atuante podem coexistir, mas não necessitam orientar-se pelos mesmos significados e associações. Na construção de sua linha de ações, de sua montagem, o atuante tem a possibilidade do encontro de suas potencialidades criativas, da conexão com o desejo que lhe faz agir. Nesse trabalho, “a ênfase não está na criação de um personagem, mas sim na formação de uma estrutura pessoal na qual a pessoa que a esteja fazendo possa abordar um eixo de descoberta”. (idem, p.88)

Outro aspecto do trabalho que se realiza no âmbito da arte como veículo diz respeito à verticalidade, que seria a transformação da energia através do trânsito entre o que é denso, corpóreo, ligado ao instinto e o que é sutil, permitindo um alargamento da percepção, uma expansão da consciência em relação à presença. A esse respeito, Tatiana Motta Lima comenta:

O trabalho sobre o alargamento da percepção e aquele sobre a energia são, para Grotowski, um mesmo trabalho. Falava, em texto de 1979, *Ipotesi di Lavoro*, de dois muros que oprimiriam o ser humano: o muro colocado às percepções, aos sentidos humanos – incapazes de perceber outra coisa senão aquilo a que já estavam acostumados – e o muro colocado às forças, às energias que habitam natureza e homens e das quais estaríamos afastados. Depois de separar didaticamente esses muros, dizia tratar-se, na realidade, de um só. No alargamento das percepções,

tombava também a barreira colocada às energias que circulam fora/dentro do homem. (MOTTA LIMA, 2013, p. 226)

A intensidade e o rigor dessa investigação vertical no trabalho sobre si, radicada na organicidade, leva o atuante àquele ponto onde o autenticamente individual toca a tradição, a universalidade do mito. Grotowski, na pesquisa desenvolvida no Workcenter, hoje conduzida por Thomas Richards e Mario Biagini, encontrou ainda no trabalho com os cantos de tradições rituais africanas e afro-caribenhas, a possibilidade de contato com os elementos numinosos que tais cantos despertam. É a experiência dessas potências que se atualizam no ato de cantar e na qualidade do movimento que o canto conduz quando “nos canta”, revelam também esse aspecto arquetípico da voz, que é alma, sopro, *pneuma*. Concebendo-se a libido como a energia e seu movimento de introversão e extroversão e encontrando as manifestações mais simples e básicas dessa energia nos ritmos: movimentos repetidos do ritual, da música, das batidas do coração, da respiração (BOECHAT, 2009); as distintas qualidades vibratórias de cada canto transportam aquele que age a uma entrega às forças que ali ressoam e convidam à experimentação de uma alteridade em si mesmo, de um outro de si.

O processo de criação em Grotowski ilumina muitas das possibilidades indicadas por Jung no encontro com o inconsciente. O treinamento do ator, que Grotowski jamais pretendeu estancar num método reproduzível além do contexto de seu trabalho, dada a extrema importância atribuída ao desenvolvimento de uma técnica pessoal onde cada um pudesse confrontar-se com suas próprias dificuldades e necessidades, na qual o simples acúmulo de habilidades era substituído pelo percurso sobre a chamada *via negativa*; buscava a experiência orgânica de um corpo de essência, corpo-memória. Tal trajeto se expressava, em alguns escritos de Grotowski, na comparação do *performer* com a figura do guerreiro ou do herói.

Metodologicamente, o arquétipo do herói simboliza a consciência da diferenciação que seria, para Jung, “a essência, a *conditio sine qua non* da consciência” (JUNG, 2011, p. 96), estabelecendo uma relação funcional com as estruturas inconscientes. Diante disso, as imagens decorrentes do processo criativo, vivenciadas em sua qualidade de símbolo, dão ao ator a possibilidade de compreender criando, de acessar através delas algo desconhecido, em processo, potencialmente criativo. Nesse percurso, seu fazer propõe um possível caminho para a individuação.

REFERÊNCIAS:

BIAGINI, Mario. *Desejo sem objeto*. In: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 3, nº 1, jan./abr. 2013, pp. 176-197. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>

BOECHAT, Walter. *A mitopoese da psique: mito e individuação*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GROTOWSKI, Jerzy. *Da companhia teatral à arte como veículo*. In: RICHARDS, Thomas. **Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas**. Tradução Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *Performer*. In: SCHECHNER, R.; WOLFORD, L. (org). **The Grotowski sourcebook (Worlds of Performance)**. London and New York: Routledge/TDR Series, 1997, pp. 376-380.

_____. *Tecniche originarie dell'attore*. Traduzioni a cura di Luisa Tinti. Istituto del teatro e dello spettacolo: I Cattedra di storia del teatro e dello spettacolo. [s.l.], 1982.

JUNG, Carl G. *O eu e o inconsciente: dois escritos sobre psicologia analítica*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. 12ª ed. Campinas-SP: Editora Papyrus, 2011.

MOTTA LIMA, Tatiana. *Cantem, pode acontecer alguma coisa: em torno dos cantos e do cantar nas investigações do Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*. In: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 3, nº 1, jan./abr. 2013, pp. 220-240. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>

RICHARDS, Thomas. *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas*. Tradução Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: Perspectiva, 2012.